



A volta das gangues em Planaltina

Renato Alves
Da equipe do **Correio**

Fernando da Gata, Manoel Fofoca, Divino, Girino, Tá Ligado, Baiano, Negão. Essas são algumas das vítimas da guerra entre gangues rivais do Vale do Amanhecer e do Arapoanga. As batalhas, travadas nas ruas e becos dos dois bairros de Planaltina, começaram há cinco anos com uma briga no *Forró do Vêio Joaquim*, que funcionava em um botequim perto do Vale do Amanhecer. De lá para cá, os socos e pontapés foram substituídos por espingardas de fabricação caseira, revólveres e pistolas automáticas.

Nos primeiros 45 dias do ano, Planaltina já foi palco de oito homicídios. Sete vítimas tinham menos de 25 anos. Em 2002, foram 58 casos. Os empurrões e xingamentos deixaram de ser as únicas causas dos confrontos. A rivalidade se acentuou com a disputa pelo controle do tráfico de drogas. E uma segunda geração de gangues começa a surgir na cidade.

O jovem de 18 anos, apelidado de *Pimentinha*, morador do setor conhecido como Pacheco, no Vale do Amanhecer, é personagem vivo dessa guerra. Ele entrou para o mundo do crime aos 12 anos. "Minha carreira foi como a de qualquer criminoso. Primeiro, rouba uma bala. Depois, um pacote. Em seguida, a mercearia", conta.

Pimentinha não se lembra de quantas passagens tem pela Delegacia da Criança e do Adolescente. No Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje), foi internado cinco vezes. Quando é perguntado se matou alguém, apenas sorri. Desde que atingiu a maioridade, não esteve na cadeia. "Agora, se for para rodar (ser preso), só matando um *nequim*", diz, em tom de ironia. Os *nequims*, segundo ele, são vítimas de assalto, policiais e um dos inimigos do Arapoanga, de quem fala com rancor: "Lá só tem estuprador."

MAIS VIOLENTA

Não é só no Vale do Amanhecer ou no Arapoanga que jovens de Planaltina resolvem desavenças à bala. É grande a rivalidade entre moradores de outros bairros, como as Estâncias Mestre D'Armas, Vila Buritis II e Jardim Roriz. Essa rixa entre vizinhos é responsável pela maioria dos assassinatos na cidade.

Os números da violência colocam Planaltina no primeiro lugar do *ranking* da violência no Distrito Federal. A cidade registra 40 assassinatos ao ano por grupo de 100 mil habitantes. Quase o dobro de Ceilândia, detentora do título de cidade mais violenta nos anos 90. Lá, a proporção é

de 24 por 100 mil.

A rivalidade de grupos criminosos de Planaltina atormenta a cidade desde a década de 80. Nos anos 90, a violência entre gangues se acirrou. O estopim veio com a guerra entre as gangues do Pombal (Buritis II) e do Agreste (Jardim Roriz). Em três anos, a briga resultou em 47 mortes — 17 dos dois lados e 30 que não tinham ligação com nenhum dos grupos rivais.

A aparente trégua durou quase dois anos, graças à prisão de 17 integrantes das duas gangues. Mas adolescentes da Buritis II e do Jardim Roriz alimentam o ódio. A rixa se estende a outras localidades da cidade. As mortes estão ligadas geralmente à atividades criminosas, como a disputa pelo controle do tráfico de drogas e acertos de assaltos. A regra é um inimigo morto para cada aliado assassinado.

"Não temos uma guerra como a do passado, onde os grupos eram grandes e organizados. O que temos hoje são jovens que se juntam esporadicamente para praticar alguns atos criminosos. Fazemos de tudo para que não surjam lideranças", sustenta o delegado Gilberto Alves Ribeiro, chefe da 16ª Delegacia de Polícia, a única da cidade de 150 mil habitantes. As obras da segunda delegacia, prevista para estar pronta em junho de 2002, estão paradas há mais de um ano.

DROGAS

Avítima mais recente das desavenças entre grupos criminosos de Planaltina é Jean Salomão de Souza de Souza, 22. Ele morreu com um tiro na cabeça na madrugada da última quinta-feira. Cinco homens entraram na casa dele, na Estância Mestre D'Armas II. Discutiram com o rapaz, deram tiros e ainda atingiram no pescoço o cunhado de Jean, Alex Cordeiro Batista da Silva, 23, que não morreu.

O aposentado Orlando Nascimento Souza, 64, acha que o neto morreu de graça. "Ele não brigava com ninguém. Trabalhava fazendo lotação no carro dele", salientou o aposentado. Mas para os policiais da 16ª DP, a vítima era um traficante e morreu por causa de envolvimento com outros criminosos.

"O grupo foi à casa dele buscar objetos que havia roubado dias antes e guardado ali. Chegando lá, deram falta de um telefone celular. Acharmos que também estavam atrás de uma lata de merla de Jean", suspeita o delegado Gilberto Ribeiro. Quatro dos acusados, inclusive um garoto de 14 anos, foram presos logo após o crime.

Ribeiro conta que o rapaz assassinado é filho de Maria Lúcia de Souza de Souza, presa há oito anos por tráfico de drogas. Para o delegado, Jean dava continuidade ao negócio deixado pela mãe.

Edilson Rodrigues



O APOSENTADO ORLANDO SOUZA DIZ QUE O NETO JEAN SALOMÃO, MORTO NA SEMANA PASSADA, ERA TRABALHADOR

OS NÚMEROS DA CRIMINALIDADE

Planaltina é a campeã em violência no Distrito Federal. A maioria das mortes na cidade é motivada por rixa entre gangues rivais, segundo a polícia. Esses grupos, formados por jovens, estão ligados a atividades criminosas, como tráfico de drogas e assaltos

Planaltina registra **40 assassinatos** ao ano por grupo de 100 mil habitantes. Quase o dobro de Ceilândia, onde a proporção é de 23 por 100 mil.
8 pessoas foram assassinadas em Planaltina nos primeiros **45 dias** de 2003.
58 homicídios foram registrados em todo o ano passado contra **50** em 2001.
79 tentativas de homicídios ocorreram na cidade em 2002.

80% dos crimes foram motivados por rixas.
202 armas foram apreendidas na cidade em 2002, a maioria clandestina.
7.372 crimes foram registrados na 16ª DP (Planaltina) em 2001.
8.081 é o número de casos em 2002.
25,2% é o índice de aumento de furtos a residências de um ano para o outro — passaram de 590 para 799, uma média de **2,2 furtos por dia**.

Fontes: Secretaria de Segurança Pública e 16ª Delegacia de Polícia

Tiroteios nas quadras

A organização não é a mesma dos anos 90, mas os jovens de Planaltina continuam a aterrorizar a cidade. Os relatos de tiroteios nas quadras do Buritis e da Arapoanga — muitos nem são registrados na delegacia — fazem parte da rotina dos moradores. "Na manhã de sábado (4) e na madrugada de quarta-feira (12), os moleques trocaram tiros na rua", conta a dona-de-casa Maria José Herculano, 48 anos. Sempre que ouve tiros, no conjunto B da Vila Buritis, ela se joga no chão com a filha de 9 anos.

Na tentativa de defender seus dois filhos, a dona-de-casa Nilcinéia Aparecida Martins Trevisan, 44, foi executada a tiros na noite do último dia 28 de janeiro. O crime aconteceu no quintal da casa da família, em Arapoanga, onde três homens entraram atirando. Leori Aparecido Martins Trevisan, 19, levou um tiro nas costas e Raphael Martins Santana, 17, um disparo no rosto.

Leori contou à polícia que tinha uma dívida de R\$ 350 com um dos assassinos. O dinheiro seria usado para comprar um revólver. Amigos dos garotos acusam moradores do Vale do Amanhecer. E juram vingança. "O primeiro que passar por aqui leva chumbo", ameaça um adolescente de 17 anos, que trata os vizinhos como inimigos.

Coveiro do Cemitério de Planaltina, Dilson Bispo dos Santos, 33 anos, é testemunha da violência na cidade. Ele enterra pelo menos uma vítima de bala por semana. Morador da Estância Mestre D'Armas III, Dilson sabe bem a história de cada um dos mortos. Alguns, conhece desde que eram crianças. "É uma tristeza enorme, principalmente para os pais desses meninos." Por precaução, o coveiro não põe os pés para fora de casa durante a noite.

REBELIÃO

Seis ex-integrantes das gangues Pombal e Agreste acabaram mortos no mais violento episódio dos últimos 20 anos dos presídios brasileiros. Eles faziam parte do grupo de onze presos executados pelos colegas no dia 17 de agosto de 2000, durante uma rebelião no Núcleo de Custódia de Brasília — parte do complexo penitenciário da Papuda. Outros quatro ficaram feridos.